

**OS RÓTICOS NOS CONTOS ACUMULATIVOS:
NOTAS DE TRANSCRIÇÃO
DA ORALIDADE PARA A ESCRITA**

Marlene Balbuena de Oliveira Ortega (UEMS)

marlebaloli@yahoo.com.br

Miguél Eugenio Almeida (UEMS/UCG)

mealmeida_99@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo demonstra uma análise de ocorrências de variação na escrita de contos acumulativos produzidos por estudantes do 6º ano do ensino fundamental da E. E. Tenente Aviador Antonio João, de Caarapó – MS. A análise tem por objetivo detalhar, especialmente, a percepção do apagamento, modificações e/ou acréscimo dos róticos na transcrição da oralidade para a escrita dos textos. A metodologia em curso é de natureza fonético/fonológica, sendo a categoria de análise a ortografia dos vocábulos. Subsidiarão a presente análise as contribuições teóricas de Myriam Barbosa da Silva (1981), Ataliba Castilho (2012), José Pereira da Silva (2009 e 2010), Mattoso Câmara Jr. (1953) e Maurice Leroy (1983), entre outros. Há, neste estudo, pelas ocorrentes dificuldades de escrita desses estudantes, a expectativa de uma intervenção no âmbito escolar.

Palavras-chave: Róticos. Contos acumulativos. Ortografia. Ensino fundamental.

1. Primeiras considerações

O trabalho que se volta às práticas de leitura e de escrita de textos a partir de uma sequência didática centrada em um gênero textual específico fortalece a aquisição de conhecimentos que ampliam a competência leitora e escritora discente em desenvolvimento. O estudo agora exposto revela uma experiência de produção textual resultante de uma série de leituras e de análises estruturais do gênero conto acumulativo, sendo objeto de apreciação o registro das ocorrências de variação advindas da transcrição da oralidade nos textos produzidos e selecionados para essa amostragem, ou seja, os metaplasmos em evidência e, especificamente a presença/ausência dos róticos na escrita dos estudantes do 6º ano de ensino fundamental, da escola pública estadual Tenente Aviador Antonio João, de Caarapó, MS. Também são registradas as revisões ortográficas resultantes da verificação dessas ocorrências.

Cabe conceituar o gênero textual trabalhado: os contos acumulativos – também denominados lengalengas –, nos quais as sequências narra-

tivas se repetem e se encadeiam com acréscimos e recorrências de alguns elementos que seguem na mesma ordem até o fim. São os conhecidos "contos de nunca mais acabar". Este gênero caracteriza-se por se constituir de uma longa parlenda, contada e recontada para divertir e, sobretudo, desenvolver a oralidade, aproximando o estudante dessa leitura proveniente da literatura oral, cujo valor é o resgate da cultura popular, repassada de geração a geração.

Sob o prisma da revisão dos textos que surgiram a partir do contato com o gênero, os alunos – como a seguir ver-se-á – puderam perceber, entre outros aspectos do aprimoramento da escrita, que as ocorrências de variação precisavam ser revistas e, conseqüentemente, os textos deveriam ser conduzidos a uma adequação vocabular, superando, inclusive, as questões de ordem ortográfica resultantes das ocorrências ou ‘alterações fonéticas’, como denomina o filólogo, que as divide nos quatro grupos seguintes:

1. desaparecimento de fonemas (no início, no interior ou no final da palavra);
2. desenvolvimento de fonemas (no início, no interior ou no final da palavra);
3. troca de fonemas (no início, no interior ou no final da palavra);
4. transformação de fonemas (no início, no interior ou no final da palavra).

Seja qual for o metaplasmo, sempre se deve ter em conta que a transformação que se verifica em fonema é:

a) inconsciente, isto é, ocorre sem que as pessoas tenham consciência das alterações e, portanto, sem que as efetuem deliberadamente. Por exemplo, quando alguém entre nós diz *ocê*, em lugar de *ocê*, não deliberou suprimir o fonema inicial do pronome e nem perceberá que o faz.

b) gradual, isto é, resulta de uma série de transformações, sucessivas e, às vezes, tão lentas que levam séculos para o seu processamento definitivo. Por exemplo, esse mesmo pronome *ocê*, mencionado acima, é o resultado da lenta transformação de *vossa mercê* – *vossemecê* – *vosmecê* – *vossê* (como aparece no século XVII, em D. Francisco Manuel de Melo) e, finalmente, *ocê*.

c) regular, isto é, efetua-se de maneira uniforme, dentro da mesma época em face das mesmas condições. (SILVA, 2010, p. 57-58)

A busca pelas razões e condições que levaram a essas ocorrências é um exercício de reflexão e de embasamento para o estudioso da língua; pois, se de um lado, no contexto escolar é preciso entender os motivos da

transposição da oralidade na escrita dos estudantes, de outro, é preciso sustentar esses dados para se planejar intervenções para a superação dos desafios de domínio e aprimoramento da língua na escrita. O que nem sempre é fácil, porque, como observa o linguista, ao expor a teoria da arbitrariedade do signo saussuriana,

a língua é o conjunto de signos que serve de meio de compreensão entre os membros de uma mesma comunidade linguística, enquanto a fala é o uso que cada membro dessa comunidade linguística faz da língua para se fazer compreender; (...) (LEROY, 2007, p. 83)

Neste raciocínio, entende-se que, por mais que se queira aproximar fala de escrita, isso não será de fato possível. Por isso, o que há de abstrato, no sentido do distanciamento entre a fala e a escrita, procura servir para que haja intercompreensão dos falantes da língua, como esclarece o gramático:

Os códigos gráficos perseguem um objetivo que nunca será atingido: aproximar a língua escrita da língua falada. Escrever como se fala é impossível: basta lembrar a flutuação da pronúncia em qualquer país. As grafias, por isso, representam uma sorte de abstratização sobre a execução linguística, assegurando a intercompreensão. (CASTILHO, 2012, p. 92)

Como a comunidade linguística destacada nessa pesquisa é de estudantes do sul do MS – e, inclusive alguns, descendem de famílias da região sul-brasileira que fixaram residência na cidade interiorana sulmato-grossense –, as vibrantes ou os róticos, destacados da oralidade e empregados na escrita desse grupo, merecerão um enfoque especial.

2. O trabalho de produção escrita dentro de uma sequência didática

Antes de apontar o registro das ocorrências, importa reconhecer que, como procedimento metodológico, para se chegar ao momento da produção escrita, o trabalho passou por etapas, como é de praxe em uma sequência didática, pois “Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2006, p. 97).

As etapas da sequência didática oportunizaram desde o início até a exposição dos textos produzidos pelos estudantes a condução sistemática desse trabalho desenvolvido em sala de aula, como no quadro seguinte:

Sequência didática para estudo do gênero textual conto acumulativo

1º Introdução ao estudo do gênero textual conto acumulativo – apresentação da proposta com a sensibilização da turma ao estudo do gênero - condições de produção do texto lido (onde e quando foi publicado, que tema é abordado, qual é o assunto, a quem se destina, qual é a finalidade, que gênero é esse etc.);

2º Construção da compreensão do gênero, partindo de breves discussões sobre o conceito do gênero, ou seja: a familiarização com a forma e a linguagem do gênero;

4º Verificação das características estruturais comuns aos textos lidos, conceitos e informações sobre o gênero;

5º Desenvolvimento de um estudo de um conto acumulativo, sendo respondidas por escrito e depois socializadas as questões de análise do texto – para reconhecer o encadeamento das ações da trama;

6º Pesquisa de outros contos acumulativos na internet e na biblioteca escolar, incluindo a pesquisa da biografia dos autores dos textos;

7º Verificação da estrutura do gênero e interpretação do contexto da narrativa, estabelecendo a situacionalidade do texto;

8º Valorização da intertextualidade presente – Levantamento de características como o contexto das produções, estilos, vocabulários, caracterização e ações das personagens, entre outros elementos dotados de semelhanças e diferenças nas versões;

9º Avaliação da compreensão do gênero e da aceitabilidade de nova versão a ser dada pelos alunos: a produção de um reconto de um texto - Proposta induzida de produção de contos acumulativos, com livre escolha da trama;

10º Revisão de escrita dos textos produzidos, com atenção também para aspectos de coesão e coerência, de ortografia, de adequação vocabular, de paragrafação, enfim, de toda a organização textual em geral. Primeiro momento: Reescrita coletiva de um dos textos produzidos mediada pela professora que fará o papel de escriba – Direcionamento e verificação específica das ocorrências de variações (transcrições da oralidade para a escrita): Destaque dos vocábulos sob análise no texto e solicitação aos alunos para que, previamente munidos de dicionários, revisem a escrita normativa dessas palavras – Aproveitamento da retomada das regras ortográficas já estudadas nas aulas anteriores, em especial, apontando as desinências verbais que por ventura vierem a ser destacadas;

11º Segundo momento: Revisão individual final do texto;

12º Compartilhamento em sala e mostra dos textos escritos no mural escolar.

Sobre o gênero proposto, cabe observar que “cada tipo de história acumulativa tem sua forma peculiar de acumular e encadear eventos e elementos, a depender do enredo e de sua temática. Não há uma fórmula única” (AGUIAR, 2009, p. 7). Logo, por mais que seja proposto o estudo

do gênero específico, há que se dar valor ao processo de criação dos textos inéditos.

Outro ponto a destacar é que é possível verificar, na sequência, que o registro das ocorrências deveria ser realizado antes da devolução dos textos para a revisão a ser feita pelos educandos – como na verdade ocorreu e a seguir se averiguará.

3. Análise do registro das ocorrências de variação

Para essa análise foram separados três textos, sendo os dois primeiros reescritos coletivamente e o terceiro aproveitado da revisão individual. Primeiro vem o texto original e depois o texto revisado. A prioridade da análise foi a verificação dos róticos. São destacadas todas as ocorrências em negrito e, onde há apagamentos e/ou acréscimo de róticos, as palavras estão sublinhadas:

Texto I – Original

O tamanduá perdeu o **fucinho**

V. R. S.

O tamanduá **destraído** de tanto come formiga acabou perdendo o **fucinho** em um buraco onde uma cobra enorme estava **dormino**. Como tinha medo da cobra resolveu pedi ajuda **pro** tatu:

– Ei tatu, você que é **acustumado** com buraco, pega meu **fucinho** que caiu no buraco da cobra?

Mas o tatu com os olhos bem aregarlado respondeu:

– **Que? Ce** é doido? Vai pedi para a **topeira**. Quem sabe ela quebra seu galho **né** não?

Então o tamanduá **destraído** deu **chau** para o tatu e foi pedi para a **topeira** que **quebrase** seu galho tirando o **fucinho** que estava no buraco da enorme cobra:

– **Que? Ce** é doido? Vai pedi para o coelho. Quem sabe ele quebra seu galho **né** não?

Então o tamanduá **destraído** que deu **chau** para o tatu também se **dispi** da **topeira** e foi pedi para o coelho que **quebrase** seu galho tirando o **fucinho** que estava no buraco da enorme cobra:

– **Que? Ce** é doido? Vai pedi para o cachorro. Quem sabe ele quebra seu galho **né** não?

Então o tamanduá **destraído** que deu **chau** para o tatu também se despediu da toupeira foi pedir para o coelho que falou que **procura-se** o cachorro

que **quebrase** seu galho tirando o **fucinho** que estava no buraco da enorme cobra:

– **Que? Ce é doido? Vai pedi para o rato. Quem sabe ele quebra seu galho né não?**

Então o tamanduá **destraído** que deu **chau** para o tatu e também se despediu da **topeira** e foi **pedi** para o coelho que falou que **procura-se** o cachorro que **sujeiriu** o rato que **quebrase** seu galho tirando o **fucinho** que estava no buraco da enorme cobra:

– **Que? Ce é doido? Vai pedi para o coveiro. Quem sabe ele quebra seu galho né não?**

Então o tamanduá **destraído** que deu **chau** para o tatu e também se **dispi-diu** da **topeira** e foi **pedi** para o coelho que falou que **procura-se** o cachorro que **sujeiriu** o rato que se lembrou do **couveiro** que **quebrase** seu galho tirando o **fucinho** que estava no buraco da enorme cobra:

– **Que? E como não onde está o tal buraco?**

O pobre tamanduá saiu **corendo** todo contente **amostrano** o lugar onde a cobra ainda dormia. O **couveiro** quebrou um galhinho já seco de uma árvore dali para **pega** com cuidado e sem **acorda** a cobra o **fucinho** que estava no buraco. No fim **das conta** o tamanduá recebeu de volta o **fucinho** e muito agradecido ao **gentiu** e corajoso **couveiro**.

Este primeiro texto ocasionou o registro de ocorrências de variação, como modo de verificar as disparidades entre a oralidade e a escrituralidade, sabendo-se que o “sistema ortográfico pretende substituir a corrente sonora. Pretende codificar o sistema linguístico, como o faz a fala” (SILVA, 1981, p. 12). Como essa intenção é limitada e/ou sujeita ao modo de apropriação da língua pelos falantes,

Faz-se necessária, então, uma análise das relações entre a ortografia e a fonologia, não somente para conhecer-lhes a natureza, mas também para determinar o material linguístico de transferência e diagnosticar problemas de outra espécie. (SILVA, 1981, p. 15). Segue, pois, a análise do texto:

Texto I – Ortografia ~ Ocorrência = Fonética/Fonologia

- **Variações em geral:**

1. **distraído ~ destraído = d[e]straido – abaixamento do /e/**

2. **focinho ~ fucinho = f[u]cinho – alçamento do /u/**

3. **dormindo ~ dormino = dormin[Ø]o – síncope do /d/**

- 6. para o ~ pro = p[Ø]r[Ø]o – síncope da vogal
- 7. acostumado ~ acustumado = ac[u]stumado – alçamento do /u/
- 8. você ~ ce = [Ø][Ø]ce – aférese
- 9. não ~ é = né n[Ø][Ø]é – juntura vocabular
- 10. tchau ~ chau = [Ø]chau – variação com troca da fricativa /tʃ/ pela palatal /ʃ/
- 11. despediu ~ dispidiu = d[i]sp[i]diu – alçamento do /i/
- 13. toupeira ~ topeira = to[Ø]peira – monotongação
- 14. sugeriu ~ sujeiriu = su[ʒ]e[i]riu – ditongação
- 15. coveiro ~ couveiro = co[w]veiro – ditongação
- 17. mostrando ~ amostrano = [a]mostran[Ø]o – prótese – apagamento de /d/
- 19. acordar ~ acorda = acorda[Ø] - apócope de /r/*
- 20. gentil ~ gentiu = genti[u] – ditongação /tiw/

• **.Variações envolvendo Róticos:**

- 1. comer ~ come = come[Ø] – apócope de /r/*
- 2. pedir ~ pedi = pedi[Ø] - apócope de /r/*
- 3. arregalado ~ aregarlado = ar[Ø]ega[r]lado – variação do uso do rótico vibrante múltiplo /r̄/ para o rótico tepe /r/ - acréscimo do rótico retroflexo /r/**
- 4. correndo ~ correndo = cor[Ø]endo – variação do uso do rótico vibrante múltiplo /r̄/ para o rótico tepe /r/ ***
- 5. pegar ~ pega = pega[Ø] - apócope de /r/*
- 6. acordar ~ acorda = acorda[Ø] - apócope de /r/*

• **Totais dos Róticos:**

* 4 apagamentos + **1 acréscimo + *** 2 variações de uso = 7 ocorrências

Nota-se que, da tabela acima, há um número considerável de ocorrências de apagamentos dos róticos, havendo duas trocas de vibrante

múltiplo por tepe – e principalmente quatro apócopes em verbos na forma do infinitivo, e um acréscimo em *ar[Ø]ega[r]lado*, que denota uma epêntese. Verificadas essas ocorrências na revisão textual coletiva, segue o primeiro texto revisado:

Texto I – Revisado

O tamanduá perdeu o focinho

V. R. S.

O tamanduá, **distraído** de tanto **comer** formiga, acabou perdendo o **focinho** em um buraco onde uma cobra enorme dormia. Como sentia medo da cobra, resolveu **pedir** ajuda ao tatu:

– Ei, tatu, você que é **acostumado** com buraco, pega meu **focinho** que caiu no buraco da cobra?

Mas, o tatu, com os olhos bem **arregalados**, respondeu:

– **Quê?** ‘Cê é doido? Vai pedir para a **toupeira**. Quem sabe ela quebra seu galho, não é não?

Então, o tamanduá **distraído** disse adeus para o tatu e foi **pedir** para a **toupeira** que **quebrasse** seu galho retirando o **focinho** que estava no buraco da enorme cobra:

– **Quê?** ‘Cê é doido? Vai **pedir** para o coelho. Quem sabe ele quebra seu galho, não é não?

Então, o tamanduá **distraído** que disse adeus para o tatu e também se **despediu** da **toupeira** e foi **pedir** para o coelho que **quebrasse** seu galho **retirando** o focinho que estava no buraco da enorme cobra:

– **Quê?** ‘Cê é doido? Vai **pedir** para o cachorro. Quem sabe ele quebra seu galho, **não é não?**

Então, o tamanduá **distraído** que **disse adeus** para o tatu e também se **despediu** da **toupeira** foi **pedir** para o coelho que lhe recomendou o cachorro para que este **quebrasse** seu galho **retirando** o **focinho** que estava no buraco da enorme cobra:

–**Quê?** ‘Cê é doido? Vai **pedir** para o rato. Quem sabe ele quebra seu galho, **não é não?**

Então o tamanduá **distraído** que **disse adeus** para o tatu e também se **despediu** da **toupeira** e foi **pedir** para o coelho que lhe recomendou o cachorro que **sugeriu** o rato para que este **quebrasse** seu galho **retirando** o **focinho** que estava no buraco da enorme cobra:

– **Quê?** ‘Cê é doido? Vai pedir para o **coveiro**. Quem sabe ele quebra seu galho, **não é não?**

Então o tamanduá **distraído** que **disse adeus** para o tatu e também se **despediu** da **toupeira** e foi **pedir** para o coelho que lhe recomendou o cachor-

ro que **sugeri**u o rato que lhe lembrou do **coveiro** para que este **quebrasse** seu galho **retirando** o **focinho** que estava no buraco da enorme cobra:

– **Quê?** E como não? Onde está o tal buraco?

O pobre tamanduá saiu **correndo**, todo contente indicando o lugar onde a cobra ainda dormia. O **coveiro** quebrou um galhinho já seco de uma árvore próxima para **pegar** com cuidado - e sem **acordar** a cobra - o **focinho** que estava no buraco. No fim das **contas**, o tamanduá recebeu de volta seu **focinho** e ficou muito agradecido ao **gentil** e corajoso **coveiro**.

Importa observar, como nota à parte, que a revisão do texto manteve a originalidade da produção proposta, sendo priorizadas as adequações necessárias, como a inserção dos róticos onde foram suprimidos. Isso posto, o segundo texto segue para apreciação:

Texto II – Original

O menino queria bolo

D. S. R.

Em uma casa bem **probinha** morava um menino e a mãe viúva. O menino era **barigudinho** de guloso e cheio da manha. Um dia ele foi acordou cedinho e com vontade de comer bolo. O menino foi pedir para a mãe:

– Mãezinha faz um bolo para mim.

– **Olha** meu filho não é que eu não **quero** fazer. É que hoje não temos ovos não **tem** farinha e nem leite para fazer um bolo. **Vai** pedir ovo para a vizinha que tem galinha **poendera**. Acho que ela pode dar uns ovos ou se **ser** sortudo já **te** faz um bolo, porque ainda **faltara** farinha.

E o menino foi **na** casa da vizinha **mais** logo pediu um bolo porque sua mãe não tinha ovos nem farinha e leite para **fazero** e por isso deu a **idéia** do pedido.

– **Olha** menino hoje não tenho farinha nem leite **mais** os ovos posso dar. **Vai** pedir para o padeiro que tem sempre muito trigo para **perparar** pães. Acho que pode dar um pouco de farinha ou se **ser** sortudo já **te** faz um bolo, porque ainda **faltara** o leite.

E o menino foi **na** padaria para falar com o padeiro **mais** logo pediu um bolo porque sua mãe não tinha ovos nem farinha e leite para **fazero** e sua vizinha **dou** os ovos **mais** não tinha farinha e por isso deu a **idéia** do pedido.

– **Olha** menino hoje não tenho ovos **mas** você já **tem** não tenho o leite **mais** a farinha posso dar. **Mais** o leiteiro sempre guarda um pouco de leite para uma criança necessitada. Eu acho que ele pode dar um pouco de leite ou se **ser** sortudo já **te** faz um bolo, porque ainda faltará o tempo.

E o menino foi até o leiteiro que limpava o **cural**, **mais** logo pediu um bolo, porque sua mãe não tinha ovos nem farinha e nem leite para **fazero** e sua vizinha **dou** os ovos e o padeiro ofereceu a farinha, **mais** ainda faltava o leite e por isso deu a **idéia** do pedido.

– Olha menino hoje não tenho ovos **mais** você já tem eu não tenho farinha **mais** você já ganhou **mais** posso sim dar o leite que está precisando. Só que não garanto fazer o bolo porque não tenho tempo. **Mais porque** não volta para casa com os ingredientes? E se **ser** sortudo já **te** faz um bolo porque é certo que achará tempo **pra** fazer um agrado.

O menino voltou contente **pra** casa e mostrou para a mãe os ingredientes que **arrecadou**. A mãe não demorou em **ajuntar** manteiga, fermento, açúcar, suco e casca ralada de laranja para fazer o bolo. Quando o bolo ficou pronto o menino e sua mãe saborearam um delicioso bolo de laranja **mais** agradecido também e **fizeram** questão de dar uma boa fatia para a vizinha e para o padeiro e para o leiteiro.

Segue, como no texto anterior, o registro das ocorrências de variação notadas no segundo conto acumulativo selecionado para a revisão textual coletiva – tal qual desenvolvida com a turma do 6º ano do ensino fundamental:

Texto II - Ortografia ~ Ocorrência = Fonética/Fonologia

- **Variações em geral:**

1. poedeira ~ poendera = poe[n]de[Ø]ra – nasalização - monotongação
2. mas ~ mais = ma[i]s – epêntese do /i/
3. doou ~ douo = do[u][o] – metátese
4. para ~ pra = p[Ø]ra – síncope da vogal
5. juntar ~ ajuntar = [a]juntar – prótese
6. fizeram ~ fazeram = f[a]z[ê]ram – abaixamento do /a/ que modifica o acento da sílaba tônica

- **Variações envolvendo Róticos:**

1. pobrezinha ~ probinha = p[r]ob[Ø][Ø][Ø]inha – hipértese*** - apagamentos do /r/*, /e/ e /z/
2. barrigudinho ~ barigudinho = bar[Ø]igudinho - variação do uso do rótico vibrante múltiplo /r̃/ para o rótico tepe /r/ *****
6. fazê-lo ~ fazero = faze[r]- [Ø]o – rotacismo**
9. preparar ~ perparar = p[Ø]e[r]parar – metátese***
13. curral ~ cural = cur[Ø]al – variação do uso do rótico vibrante múltiplo /r̃/ para o rótico tepe /r/ *****
16. arrecadou ~ arecadou = ar[Ø]ecadou - variação do uso do rótico vibrante múltiplo /r̃/ para o rótico tepe /r/ *****

• **Totais dos Róticos:**

1 apagamento + **1 transformação + ***2 transposições + *4 variações =**

8 ocorrências

No segundo texto também se encontram ocorrências envolvendo os róticos, havendo também a troca da vibrante múltipla por tepe (ex. *ar[Ø]ecadou*) e metátese nas transposições dos vocábulos (ex. *p[Ø]e[r]parar*), entre outros destaques. Com a revisão do texto, este segue como melhorado:

Texto II – Revisado

O menino queria bolo

D. S. R.

Em uma casa bem **humilde** morava um menino e sua mãe viúva. O menino era **barrigudinho** e cheio da manha. Um dia, acordou cedinho e com vontade de comer bolo. Foi pedir para a mãe:

– Mãezinha, faz um bolo para mim!?

– **Olha**, meu filho, não é que eu não **queira** fazer. É que hoje não temos ovos nem farinha e nem leite para fazer um bolo. Vá pedir para a vizinha que tem galinha **poedeira**. Acho que pode nos dar uns ovos ou, com sorte já **lhe** faz um bolo, porque ainda faltará farinha.

E o menino foi até a casa da vizinha, **mas** logo **lhe** pediu um bolo, porque sua mãe não tinha ovos nem farinha e nem leite **para fazê-lo** e por isso deu a **ideia** do pedido.

– **Olha**, menino, hoje não tenho farinha nem leite, **mas** os ovos posso dar. Vá pedir para o padeiro que tem sempre muito trigo para **preparar** pães. Acho que pode dar um pouco de farinha ou, com sorte já **lhe** faz um bolo, **porque** ainda faltará o leite.

E o menino foi até a padaria para falar com o padeiro, **mas** logo **lhe** pediu um bolo, porque sua mãe não tinha ovos nem farinha e nem leite para **fazê-lo**, sua vizinha **doou** os ovos, **porém** não havia farinha e por isso deu a ideia do pedido.

– **Olha**, menino, hoje não tenho ovos, mas você já **os** têm, não tenho o leite, a farinha, no entanto, posso doar. **Mas** o leiteiro sempre guarda um pouco de leite para uma criança necessitada. Acho que pode dar um pouco de leite ou, com sorte já **lhe** faz um bolo, porque talvez **faltará** o tempo.

E o menino foi até o leiteiro que limpava o **curral**, **mas** logo pediu um bolo, porque sua mãe não tinha ovos nem farinha e nem leite para **fazê-lo**, sua vizinha doou os ovos, o padeiro **ofereceu** a farinha, **todavia** ainda faltava o leite e por isso deu a **ideia** do pedido.

– **Olha**, menino, hoje não tenho ovos, **mas** você já os têm, não tenho farinha, **mas** você já ganhou; posso, sim, dar o leite que está precisando. Só não garanto fazer o bolo porque não tenho tempo. E **por que** não volta para casa com os ingredientes? **Com sorte** já lhe faz um bolo, porque é certo que achará tempo para fazer esse agrado.

O menino voltou contente para casa e mostrou para a mãe os ingredientes que **arrecadou**. A mãe não demorou a **juntar** manteiga, fermento, açúcar, suco e casca ralada de laranja para fazer o bolo. Quando o bolo ficou pronto, o menino e sua mãe saborearam um delicioso bolo de laranja, e, agradecidos, também fizeram questão de dar uma generosa fatia para a vizinha, para o pai-deiro e para o leiteiro.

Percebe-se no texto acima, que foi produzido e revisado coletivamente, que a simples adequação ortográfica soma com a valorização do texto escrito, aliando as possibilidades de adequação vocabular ao estilo humorado do texto que se almeja produzir. Para fechar a amostragem, segue o terceiro texto selecionado que, sob mediação da professora, foi revisado pelo autor:

Texto III – Original

O vovô sem os óculos

J. P. F.

Vovô brincava com o neto quando **dexou** um pouco os óculos na mesinha da sala. Em seguida chega a vovó do quarto. Ele se **destrai** na conversa e o netinho engatinhando **alcansa** os óculos e brincando esconde debaixo da mantinha **caida** no tapete. Assim que começa a confusão.

O vovô foi **pega** os óculos, mas não achou. Ele perguntou para a vovó:

– Por **acauso** você guardou meus óculos? Eu **dexei** eles na mesinha.

– Não. Mas será que não deixou em outro lugar? Antes o senhor **tava** na cozinha lembra?

O vovô saiu da sala e foi para a **cuzinha**, onde que **tavo** o filho mais velho que **ofreceu** para ele uma xícara de café e tomaram a bebida e o vovô aproveitou para perguntar se o filho viu seus óculos na **cuzinha**.

– Não. Mas será que não deixou em outro lugar? Antes o senhor **tava** na varanda, lembra?

O vovô saiu da cozinha e foi para a **varranda** onde estava sua filha mais nova que lhe ofereceu uma manga **borbom** recém tirada do pé. Juntos **come-rom** a manga e o vovô aproveitou para perguntar se a filha viu seus óculos na **varranda**.

– Não. Mas será que não deixou em outro lugar? Antes o senhor **tava** no quintal, lembra?

O vovô saiu de **la** e foi para o quintal, onde estava o filho do meio e a

nora **ascolheno** laranja lima para fazer um suco **pro** bebê. Quando já iam dar **pro** vô laranja o vovô aproveitou para **preguntar** se viram seus óculos no quintal.

– Não. Mas será que não deixou em outro lugar? Será que o bebê não pegou para brincar quando o senhor brincava com ele?

O vovô saiu do quintal e foi **pra** a sala de novo entre **surpresa** e riso solto da vovó só que já aliviado encontrou o netinho feliz da vida com os óculos e tentando **colocar-os**.

A seguir, são colhidas as ocorrências de variação captadas na revisão textual do aluno, pois, a exemplo das revisões coletivas, foi possível que percebesse e dispusesse ao menos as palavras que precisavam de alguma adequação:

Texto III - Ortografia ~ Ocorrência = Fonética/Fonologia

• Variação em Geral:

s

1.deixou ~ dexou = de[Ø]xou – monotongação

2.distrai ~ destrai = d[e]strai – abaixamento do /e/

3.acaso ~ acauso = aca[u]so – ditongação

4.deixei ~ dexei = de[Ø]xei – monotongação

5.estava ~ tava = [Ø][Ø]tava – aféreses do /e/ e do /s/

6.ofereceu ~ ofreceu = of[Ø]receu – síncope do /e/

7.cozinha ~ cuzinha = c[u]zinha – alçamento do /u/

8.estava ~ tavo = [Ø][Ø]tav[o] - aféreses do /e/ e do /s/ - alçamento do /o/

9.comeram ~ comerom = comer[o]m – alçamento do /o/

10.colhendo ~ ascolheno = [a][s]colhen[Ø]o – prótese - apagamento do /d/

11.para ~ pra = p[Ø]ra – síncope do /a/

12.surpresa ~ surpresa = surpres[s]a – enurdecimento

• Variações envolvendo Róticos:

1.pegar ~ pega = pega[Ø] – apócope do /r/*

3.varanda ~ varanda = var[r]anda – variação de uso do rótico

co tepe /r/ trocado pelo rótico vibrante múltiplo /r̄/**

4. perguntar ~ preguntar = p[r]eguntar – metátese do /r/**

21. colocá-los ~ colocar-os = coloca[r]- [Ø]os – rotacismo****

• Totais dos róticos:

*1 apagamentos + **1 variação de uso + ***1 transposição
+****1 transformação =

4 ocorrências

O que se observa é que, embora as ocorrências dos róticos tenham diminuído no terceiro texto, há um apagamento do /r/ em *pega[Ø]*, notado como caso de apócope, como também ocorre o deslocamento do rótico na mesma sílaba, que ocasionou a metátese em *p[r]eguntar*. Retomando o fio de raciocínio da presente análise, segue, finalmente, o terceiro texto revisado:

Texto III – Revisado

O vovô sem os óculos

J. P. F.

Vovô brincava com o neto quando **deixou** um pouco os óculos na mesinha da sala. Em seguida, chega a vovó do quarto. Ele se **distrai** na conversa e o netinho, engatinhando, **alcança** os óculos e, brincando, esconde-os debaixo da mantinha **caída** no tapete. Assim, começa a confusão.

O vovô foi **pegar** os óculos, mas não os achou. Ele **perguntou** para a vovó:

– Por **acaso** você guardou meus óculos? Eu os **deixei** na mesinha.

– Não. Mas será que não **deixou** em outro lugar? Antes você esteve na **cozinha**, lembra?

O vovô saiu da sala e foi para a **cozinha**, onde estava seu filho mais velho que lhe **ofereceu** uma xícara de café. Juntos tomaram a bebida e o vovô aproveitou para **perguntar** se o filho viu seus óculos na **cozinha**.

– Não. Mas será que não deixou em outro lugar? Antes **esteve** na **varanda**, lembra?

O vovô saiu da **cozinha** e foi para a **varanda**, onde estava sua filha mais nova que lhe **ofereceu** uma manga bourbon recém tirada do pé. Juntos saborearam a manga e o vovô aproveitou para **perguntar** se a filha viu seus óculos na varanda.

– Não. Mas será que não **deixou** em outro lugar? Antes esteve no quintal, lembra?

O vovô saiu da **varanda** e foi para o quintal, onde estava o filho do meio e sua nora **colhendo** laranja lima para fazer um suco para o bebê. Quando já iam lhe **oferecer** laranja, o vovô aproveitou para perguntar se viram seus óculos no quintal.

– Não. Mas será que não **deixou** em outro lugar? Será que o bebê não os pegou para brincar quando o senhor brincava com ele?

O vovô saiu do quintal e foi para a sala novamente e, entre a sua **surpresa** e o riso solto da vovó, e já aliviado, encontrou o netinho feliz da vida com os óculos, tentando **colocá-los**.

As análises dos róticos desenvolvidas em estudos diversos permitem ao pesquisador ampliar as hipóteses e possibilidades quanto ao tema e até mesmo mudar de opinião, se for o caso. As primeiras considerações de Câmara Júnior sobre os róticos - sendo ele um expoente em matéria de fonêmica -, por exemplo, foram amplamente defendidas por uns como um marco para as pesquisas posteriores e contra-atacadas por outros como se insuficientes, como as primeiras afirmações sobre a vibrante duplicada após uma vogal:

Podemos admitir que o /r/ pós-vocálico, foneticamente perceptível em *ar roxo*, existe potencialmente em *arrocho*, embora sem realização fonética; a sua presença fonêmica manifesta-se apenas pela manutenção do /r/ seguinte, que ficou foneticamente não-intervocálico. (CÂMARA JR, 1953, p. 129)

Mas, é para isso que serve o estudo da língua: para se construir e reformular hipóteses – polêmicas à parte quanto aos conceitos iniciais, cabe destacar a presença de Câmara Júnior nos estudos dos róticos, bem como outros escritos do teórico que surgiram depois, trazendo novas constatações acerca dessa temática.

Portanto, com essa abordagem, os estudantes puderam entender bem a proposta, reconhecendo as ocorrências e revisando a ortografia sempre que necessário e, por meio deste trabalho interventivo, chegaram a produzir bons textos ao final da revisão. Cabe ressaltar que dos registros dos três textos, foram computadas 19 ocorrências envolvendo róticos, dentre as principais ocorrências dos textos selecionados para a presente análise. A experiência proveitosa dá abertura para novas situações de aprendizagem com abordagem semelhante.

4. Últimas considerações

A abordagem desenvolvida permitiu reconhecer como há relevância em aproveitar uma situação de produção de escrita que resultou, co-

mo nesta metodologia, do contato com um gênero textual específico, na realização de uma proposta interventiva que respeitou tanto o reconhecimento quanto o registro das ocorrências resultantes da transcrição da oralidade para a escrituralidade do texto, adequando-as – e sempre que preciso - a uma revisão ortográfica nos instantes de aprimoramento da produção.

Os momentos em que os estudantes são levados a uma condição de autores de textos necessitam de uma intervenção educativa no antes, no durante e no depois da assimilação do modo de produção do gênero em destaque. Como no estudo dos contos acumulativos analisados, é notória a oportunidade de interação envolvendo professora e alunos – o que, por consequência tem o poder de tornar as aulas mais produtivas e com bons resultados envolvendo eixos linguísticos importantes: a oralidade, a leitura, a escrita e a reflexão sobre a língua, sabendo que o que está em questão não é uma mera definição do certo ou do errado na fala ou na escrita- mesmo que se reconheça que na fala e principalmente na escrita, que, em regra, segue uma padronização, há que existir adequação aos contextos formais ou informais da comunicação.

O mais importante é que todo esse trabalho, sistemático, porém eficaz, pode conduzir para novas aprendizagens e para a aquisição dos conhecimentos da língua e da linguagem, mediante práticas exercitadas nas aulas de português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, V. (Coord.). *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Projeto, 2009

CÂMARA JR. J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 2008

CASCUDO, L. C. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2009

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012

DOLZ NOVERRAZ, M.; SCHNEULLY, B. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um procedimento. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004

LEROY, M. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo:

Cultrix, 1983

SILVA, J. P. da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2010

_____. *A nova ortografia da língua portuguesa*. Niterói: Impetus, 2009

SILVA, M. B. da. *Leitura, ortografia e fonologia*. São Paulo: Ática, 1981.